

A escrita da ciência se faz com emoção – inflexões sobre a importância da confiança e do medo para (res) existirmos no presente

Camila Ribeiro de Almeida Rezende¹

Resumo

Este artigo deseja estar presente com tempo, com emoção, com ciência e com escrita. É um artigo que busca ressoar uma bricolagem de teorias e práxis, tocar olhos e dedos. Das teorias ele *bricola* a sociologia das emoções – pois através dela é possível refletir como experimentamos o tempo presente, seja de forma individual (micro), seja de forma coletiva (macro). Da práxis este artigo *bricola* a transdisciplinaridade, pois as mãos que o escrevem são mãos formadas pelo campo da arte, mãos que se ocupam com a forma da escrita, mas que também manuseiam as potencialidades de outros campos – como o da sociologia, da filosofia e da psicologia. O presente resultado proposto é uma escrita corrente – uma série continuada de coisas (concretas e abstratas) interligadas de alguma forma. De alguma forma este artigo busca expor para você, agora, no presente, a importância da confiança e do medo, o poder dessas emoções para a moção social e para a materialização da ciência – que se dá através da escrita. De alguma forma este artigo é também um convite para brincar com a forma das palavras que formam teorias com o passar do tempo – é somente brincando que faremos no presente uma corrente de cientistas mais presentes, cientes e (res)existentes.

Palavras-chave: presente; tempo; emoção; escrita.

Abstract

This article seeks to be present with time, emotion, science and writing, bringing with it a bricolage of theory and praxis to your eyes and fingers. In terms of theory, it *bricolates* a sociology of emotions, through which it becomes possible to reflect on how we experience time in the present, whether at an individual (micro) or collective (macro) level. In terms of praxis, it *bricolates* transdisciplinarity, as the hands that wrote it are hands molded by the field of art—hands that deal with the form of writing while also handling the potentialities of other fields, such as sociology, philosophy, and psychology. The resulting present is a stream of writing—a continual series of things, both concrete and abstract, somehow interconnected. This article aims to show you, now, in the present, the importance of confidence and fear, and the power that these emotions carry in regard to social motion and the materialization of science, which occurs through writing. This article is also an invitation to play with the form of words, which form theories over time; it is only through such play that we will develop, in the present, a wave of scientists who are more present, more aware and more (re)existent.

Keywords: present; time; emotion; writing

1

Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal do Paraná (UFPR); Mestra em Artes, Cultura e Linguagens pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF); Assessora de escrita acadêmica no Centro de Assessoria de Publicação Acadêmica (CAPA) da Universidade Federal do Paraná (UFPR). E-mail: camilararezende@gmail.com.



Formar com lentidão uma presente introdução

O presente conhecido de forma prática não é o gume de uma navalha, mas um telhado de duas águas com uma largura muito própria, no qual nos empoleiramos e do qual olhamos em duas direções no tempo. (JAMES, 1890, p. 609).

Agora é quando inicio este artigo. Há infinitas formas de iniciá-lo. A escolha de uma forma depende da minha imaginação – de como eu lhe imagino. Quem é você que está me lendo? Será que você é uma pessoa que tem tempo? Como você anda experimentando o telhado do presente? Você anda empoleirada/o, ou você anda correndo nele? Para qual direção no tempo você mais olha: a do passado ou a do futuro? Como é a largura do seu presente telhado? Ele é estreito? Ele é amplo? Será que você é uma pessoa que realmente tem tempo? Não sei... O que sei é que em minha imaginação você está com tempo – por isso escolho escrever esta introdução de uma forma diferente da recorrente – pois eu lhe imagino como uma vaca, um boi, um touro, um novilho ou um bezerro. Eu sinto que você tem a faculdade que dignificará esta leitura: “Verdade seja que, para elevar assim a leitura à dignidade de ‘Arte’ é mister, antes de mais nada, possuir uma faculdade hoje muito esquecida [...] uma faculdade que exige qualidades bovinas, e não as de um homem fim-de-século. Falo da faculdade de ruminar.” (NIETZSCHE, 1976, p. 16). Eu lhe imagino como uma pessoa bovina sensível e delicada – alguém que gosta de ser filóloga e ourives:

Filólogo quer dizer professor de leitura lenta: acaba-se por escrever também lentamente. Agora isso não só faz parte de meus hábitos, mas até meu gosto se adaptou a isso – um gosto maldoso talvez? – Não escrever nada que não deixe desesperada a espécie dos homens ‘apressados’. De fato, a filologia é essa arte venerável que exige de seus admiradores antes de tudo uma coisa: manter-se afastado, tomar tempo, tornar-se silencioso, tornar-se lento – uma arte de ourivesaria e um domínio de ourives aplicado à palavra, uma arte que requer um



A escrita da ciência se faz com emoção – inflexões sobre a importância da confiança e do medo para (res)existirmos no presente
Camila Ribeiro de Almeida Rezende

trabalho sutil e delicado e que nada realiza se não for aplicado com lentidão. [...] Essa própria arte não acaba facilmente com o que quer que seja, ensina a ler bem, isto é, lentamente, com profundidade, com prudência e precaução, com segundas intenções, portas abertas, com dedos e olhos delicados. (NIETZSCHE, 2007, p. 20-21).

Abra a porta... Eu estou batendo porque desejo² a leitura dos seus dedos e olhos delicados. Eu sei que desejar é algo muito forte – não é algo que consigo fazer sozinha, apenas de forma coletiva – pois “nunca desejo algo sozinho[a], desejo bem mais, também não desejo um conjunto, desejo em um conjunto. [...] Desejar é construir um agenciamento, construir um conjunto, conjunto de uma saia, de um raio de sol...” (DELEUZE, 2001). Esta escrita pode ser, então, qualquer coisa que – em conjunto – eu venha desejar, como também poderá ser qualquer coisa que você – em conjunto – queira desejar.

Agora, no meu presente acadêmico, eu desejo brincar em conjunto. É somente brincando que seremos capazes de jogar a sério o jogo científico. Para fazer isso é preciso tempo – tempo para questionar as regras do *próprio* jogo, da *própria* linguagem acadêmica que nos condiciona, da *própria* maneira como experimentamos o tempo da escrita da ciência. Questionar a experiência que temos do nosso *próprio* tempo. Será mesmo que o tempo é nosso? Será mesmo que o tempo é *próprio*? *Próprio* é aquilo que pertence (a quem se faz referência), que serve para determinado fim; adequado, conveniente, apropriado, verdadeiro, autêntico. *Propriamente* é preciso pedir ajuda aos especialistas questionadores dos sentidos. Perceba:

‘*Scholastic view*’ é uma expressão que Austin emprega de passagem em *Sense and sensibilia* e da qual dá um exemplo: a utilização específica da linguagem que, ao invés de apreender ou usar o sentido de uma palavra que seja imediatamente compatível com a situação, recenseia e examina todos os sentidos possíveis dessa palavra, fora de qualquer referência à situação. Esse exemplo, significativo, encerra o essencial do que seja *scholastic view*. Trata-se de um ponto de vista muito específico sobre o mundo social, sobre a linguagem ou sobre qualquer objeto do pensamento, que se tornou

2

O que é, o que é o desejo? Para mim o desejo é o que é para Deleuze e Guattari: “Afirmamos que o campo social é imediatamente percorrido pelo desejo, que é o seu produto historicamente determinado e que a libido não precisa de nenhuma mediação ou sublimação, de nenhuma operação psíquica, de nenhuma transformação, para investir as forças produtivas e as relações de produção. Existe apenas o desejo e o social, e nada mais. Mesmo as forças mais repressivas e mortíferas da reprodução social são produzidas pelo desejo [...]” (DELEUZE; GUATTARI, 2004, p. 33).



A escrita da ciência se faz com emoção – inflexões sobre a importância da
confiança e do medo para (res)existirmos no presente
Camila Ribeiro de Almeida Rezende

possível graças à situação de *skholé*, de lazer, da qual a escola – palavra também derivada de *skholé* – é uma forma especial, como situação institucionalizada de lazer estudioso. (BOURDIEU, 1996, p. 200).

Quem tem tempo institucional para o lazer estudioso? Quem tem tempo para brincar com as palavras em um artigo científico? Quem tem tempo para *bricolar*³? Quem tem tempo para ler a cientificidade dessa brincadeira? Qual a seriedade disso? Neste artigo busco jogar a sério o jogo científico – busco escrever tratando “a linguagem não como instrumento, mas como objeto de contemplação, de deleite ou de análise.” (BOURDIEU, 1996, p. 201). Busco dedicar tempo e atenção para a forma – a forma da formalidade formal que escrevemos a ciência e como ela nos forma e nos conforma com pressa – de que forma dedicamos tempo para pensar como a nossa forma está conformada? Estamos cientes dessa forma de ciência? Escrevemos nossas ciências como cientistas cientes, conscientes?

Tal como a/o artista na arte, o/a escritora no campo científico precisa ter a moção de “recusar qualquer constrangimento ou exigência externa, precisa afirmar a sua mestria sobre aquilo que o[a] define e que lhe pertence em particular, quer dizer, a forma, a técnica.” (BOURDIEU, 1989, p. 296). É preciso ter força para afirmar a técnica, “neutralizar as urgências ordinárias e colocar entre parênteses os fins práticos.” (BOURDIEU, 1983, p. 87). É preciso ter tempo para prestar atenção à forma, para produzir uma obra caligráfica-científica: “[...] quanto mais atenção presto à forma da minha escrita, tanto maior é a tendência para que ela se torne uma obra de caligrafia; quanto mais atento estou à forma de minha linguagem, tanto maior é a tendência para que ela se torne uma obra literária ou poética.” (PANOFSKY apud BOURDIEU, 2007, p.32-33). Quem tem tempo para prestar atenção à forma da ciência? Quais são as urgências das pessoas cientistas agora, no presente? Por que é urgente levar isso a sério?

É preciso levar a sério as reflexões de Platão a respeito da *skholé* e também sua famosa expressão, frequentemente comentada, *spoudaiôs paizein*, ‘jogar a sério’. O ponto de vista escolástico é inseparável da situação escolástica, situação socialmente instituída na qual se pode desafiar ou ignorar a alternativa

3

“O autor é um *bricoleur* mais do que um engenheiro, de acordo com a oposição que traça Claude Lévi-Strauss em *La Pensée Sauvage* (O Pensamento Selvagem). E Mallarmé, por sua vez, dizia: ‘Comparado ao engenheiro, eu me torno, imediatamente, secundário’: *Bricoleur*, o autor trabalha com o que encontra, monta com alfinetes, ajusta; é uma costureirinha. Como Robinson perdido em sua ilha, ele tenta tomar posse dela, reconstruindo-a com os despojos de um naufrágio ou de uma cultura.” (COMPAGNON, 1996, p.39). Perdida na ilha da minha experiência temporal, eu tento tomar posse dela reconstruindo-a com os despojos do naufrágio da minha – da nossa – própria cultura.



A escrita da ciência se faz com emoção – inflexões sobre a importância da
confiança e do medo para (res)existirmos no presente
Camila Ribeiro de Almeida Rezende

corriqueira entre jogar (*paizein*), brincar e ser sério (*spoudazein*) jogando a sério e levando a sério as coisas lúdicas, ocupando-se seriamente de problemas que as pessoas sérias, e realmente ocupadas, ignoram – ativa ou passivamente. (BOURDIEU, 1996, p. 200).

Eu lhe convido a se ocupar seriamente com aquilo que as pessoas cientistas sérias não se ocupam – elas não têm tempo para isso. E por isso, ninguém se ocupa disso, e isso me preocupa cada dia mais. Eu lhe convido, então, a se ocupar com o brincar. Brinque comigo e com as palavras – brinque com as interrogações (?) das exclamações (!): O que é tempo? O que é ter tempo? O que é ciência? O que é ter ciência? O que é fazer tempo? O que é fazer ciência? O que você faz agora? A ciência do presente? O presente da ciência? Como a ciência está presente em sua vida? Como está presente na vida da sociedade? Ciência? Presente! (?) Presente? Ciência! (?) A ciência precisa do presente e o presente precisa da ciência! (?) Precisamos continuar escrevendo nossas ciências! (?) Como? Como presentear a ciência no seu presente? Como presentear o seu presente com ciência? Com ciência – consciência. Consciência!? Sim! A ciência do tempo. Como fazer a ciência (res)existir no tempo? Eu tenho um palpite: escrevendo-a com o tempo atencioso! Mas, o que é escrever? “Escrever é esculpir com palavras a matéria-prima do tempo, onde não há separação entre a matéria-prima e a escultura, pois o tempo não existe senão esculpido em um corpo, que neste caso é o da escrita, e o que se escreve não existe senão como verdade do tempo.” (ROLNIK, 1993, p.246).

Escrever esculpindo no presente a nossa ciência não está sendo uma tarefa fácil e confortável. O presente brasileiro nos assombra com um futuro ameaçador. Como, então, seremos fortes o bastante para prosseguirmos, para (res)existirmos escrevendo a ciência no nosso presente? Junto com Jack Barbalet tenho outro palpite: através da emoção!

Como não é possível conhecer o futuro, não há informações disponíveis acerca dele e, portanto, não é possível fazer cálculos a seu respeito. Se temos de manter-nos cognitivamente ignorantes em relação ao futuro, o que dizer do passado e do presente? Sabe-se hoje que a memória não é um sistema que reconstruiu



A escrita da ciência se faz com emoção – inflexões sobre a importância da confiança e do medo para (res)existirmos no presente
Camila Ribeiro de Almeida Rezende

fidedignamente as experiências anteriores, mas um processo criativo, psicologicamente indiferenciável da imaginação. Por conseguinte, a memória não é uma janela para o passado. Até o presente é problemático, porque não existe bases sensoriais para a percepção do tempo. Como é então possível orientar os seres práticos para o tempo e a temporalidade, se não podem sê-lo através da lógica, do raciocínio calculativo, da memória ou das sensações? Uma resposta breve a esta pergunta é: através das emoções. (BARBALET, 1998, p. 165).

Na companhia sociológica de Jack Barbalet e Jonathan H. Turner – e de seus aliados, autores como William James, Alfred Whitehead, Theodore Kemper, Thomas Scheff, Kurt Lewin, dentre outros – traçarei a seguir algumas escritas escultóricas transdisciplinares. Este artigo, então, se apresentará a você sob a forma de quatro esculturas escritas: 1) A escultura da emoção; 2) A escultura do presente temporal; 3) A escultura da confiança e do medo; 4) A escultura do ‘daqui a pouco o futuro incognoscível será nosso presente’. Essas quatro esculturas são (na verdade) (o que é a verdade?) o que convencionalmente chamamos de seções em um artigo. Apresento-lhe, então, o porvir deste texto: a primeira escultura é uma breve explanação sobre a importância das emoções para a ação social, logo, para a ação na ciência; a segunda é sobre a experiência emocional do presente – como as emoções interferem na maneira que experimentamos o tempo; a terceira é sobre a importância da confiança e do medo para a (res)existência – como essas emoções são essenciais para continuarmos pesquisando, escrevendo e publicando nossas pesquisas no Brasil; a quarta e última seção é a conclusão do artigo – um “até logo” para que possamos continuar empoleiradas/os de forma equilibrada em cima deste telhado que nos encontramos presentes esperando um raio de sol.

A escultura da emoção

O que é a emoção? Essa pergunta é uma incógnita – tal como são as perguntas: o que é o tempo? O que é a ciência? O que é a escrita? Uma incógnita é aquilo que se desconhece e se busca saber. É urgente



A escrita da ciência se faz com emoção – inflexões sobre a importância da confiança e do medo para (res)existirmos no presente

Camila Ribeiro de Almeida Rezende

buscarmos saber o saber, buscamos saber o que –e como – sabemos sentir, como sabemos agir, como sabemos imaginar o porvir. Agora, neste momento textual, buscarei refletir as inflexões das emoções – do micro ao macro social. Para isso, contarei com a ajuda que Jack Barbalet me fornece em sua obra *Emoção, teoria social e estrutura social – Uma abordagem macrossocial* (1998); e com a ajuda que Jonathan H. Turner me oferece em *The Stratification of Emotions: Some Preliminary Generalizations* (2010). A escolha desses dois autores em específico foi movida pela pluralidade de suas obras – ambos se baseiam em importantes outros pesquisadores, sintetizando e atualizando os estudos das emoções de modo transdisciplinar para campo científico.

Estou ciente que o espaço de tempo escultórico de um artigo é conciso e breve, com uma largura muito estreita. Por isso, buscarei – diante do tempo que me resta até finalizar esta minha escrita – esculpir algumas formas de forma bem rápida. Preciso esculpir o que esses autores compreendem por emoção e como as emoções são importantes para a sociedade e para a ciência. Rapidamente, então, formulo esta afirmação: *a emoção não é uma experiência individual, ela é um fenômeno social.*

O contexto social da experiência que provoca emoção não está normalmente incluído na compreensão da emoção, e a abstracção da emoção ao nível da experiência individual é a mais desenvolvida na literatura especializada. Mas, cada um destes elementos da emoção, o experiencial e o contextual, é necessário em qualquer conceptualização adequada da emoção como fenômeno social. (BARBALET, 1998, p. 119).

Ao evidenciar o caráter social das emoções, Barbalet contribui para os estudos sobre o tema, pois consegue demonstrar que as emoções não são unicamente um aspecto da cultura, elas “devem ser entendidas dentro das relações estruturais de poder e status que as desencadeiam. Isto torna a emoção tanto – se não mais do que – uma coisa socioestrutural como cultural.” (BARBALET, 1998, p. 46). Nesse sentido, Barbalet conflui com a perspectiva de Jonathan Turner – de que “as emoções são como qualquer recurso em sua distribuição; e enquanto as pessoas reagem emocionalmente à distribuição de outros recursos, [...] a distribuição



A escrita da ciência se faz com emoção – inflexões sobre a importância da confiança e do medo para (res)existirmos no presente
Camila Ribeiro de Almeida Rezende

desigual das emoções pode ser ainda mais primordial em compreender a dinâmica da estratificação.” (TURNER, 2010, p. 195)⁴. Quanto mais desigual e estratificada é a experiência emocional dos indivíduos em nossa sociedade, mais ela se torna uma força motriz para os conflitos sociais. “O ponto óbvio aqui é que esses estados emocionais não são triviais [...]; eles não são fugazes e transitórios. Pelo contrário, eles têm efeitos poderosos nos pensamentos e ações das pessoas e suas reações nas formações meso e macro socioculturais.” (TURNER, 2010, p. 195)⁵. Por quê? Pois:

[...] a distribuição de energias emocionais positivas e negativas entre os membros de uma população geralmente corresponderão à distribuição de outros recursos, como dinheiro, poder, prestígio, influência e amor. Além disso, como as emoções se estratificam, a distribuição de emoções negativas especialmente tem um potencial que outros recursos não revelam: a capacidade de mobilizar os indivíduos para a ação coletiva em um esforço para obter acesso a esses recursos que foram negados. O protesto coletivo e a revolta não surgem das desigualdades de recursos materiais; para o indivíduo estar suficientemente insatisfeito e incorrer nos riscos de protesto e revolta, emoções negativas poderosas precisam ter sido despertadas durante um longo período de tempo, compartilhada coletivamente, e expressas através de ideologias legitimadoras que desafiam as ideologias dos principais domínios institucionais. (TURNER, 2010, p.175)⁶.

Como anda a sua ideologia? Agora, no presente, ela é legitimadora, legitimada, ou está lutando por legitimação contra as *velhas-novas-ressurgentes* ideologias dos domínios políticos institucionais? Como anda a sua ciência – a nossa ciência – sem os recursos – dinheiro, poder, prestígio, influência e amor – que o governo brasileiro tem nos negado? Você está insatisfeita ou insatisfeito ao ponto de se revoltar suficientemente para agir? Há quanto tempo você tem distribuído sua energia emocional – positiva e negativa – com os membros da população acadêmica e não-acadêmica? O que é (na verdade) uma população acadêmica? O que é (na verdade) uma população não-acadêmica? Uma população racional? Uma não-racional?

4

Tradução da autora.

5

Tradução da autora.

6

Tradução da autora.



A escrita da ciência se faz com emoção – inflexões sobre a importância da confiança e do medo para (res)existirmos no presente
Camila Ribeiro de Almeida Rezende

Perguntas-incógnitas que precisamos raciocinar com “saber” e com “razão” se quisermos acessar sua inflexão – sua entonação, seu tom. Não se engane, para raciocinar é preciso muita emoção: “a grande maioria das explicações para o pensamento racional e para a acção evita uma referência positiva à emoção. A emoção apenas é mencionada para negar a sua importância ou para avisar contra a sua influência perturbadora [...]” (BARBALET, 1998, p. 53).

Aqui, neste artigo presente, não negaremos (eu, Turner, Barbalet e seus aliados) a importância das emoções – afirmaremos que “a razão e a emoção não são fenômenos opostos, mas sim nomes distintos para os aspectos de um processo contínuo.” (BARBALET, 1998, p. 73). Esse processo contínuo é o sentimento de racionalidade – que William James considera como um sentimento de suficiência no momento presente, “no qual a emoção de segurança é considerada ‘essencial’”. (BARBALET, 1998, p. 74). Refletir as emoções nessa perspectiva é “demonstrar que a emoção tem um propósito significativo no pensamento e na acção racionais, áreas das quais é convencionalmente excluída”, dessa forma, “reforça-se o valor do estudo da emoção na vida social em geral.” (BARBALET, 1998, p. 56). Eu reforço, neste artigo, o valor das emoções para a vida acadêmica em específico. Especificamente precisamos do sentimento de racionalidade para fazermos ciência, precisamos – essencialmente – nos sentirmos seguros e seguros no presente.

Eu lhe pergunto. O que acha? “O ‘sentimento de suficiência no momento presente’, que permite às pessoas ‘pensar com fluência’ e agir com objectivos, encontra-se associado ao sentimento de expectativa acerca do futuro.” (BARBALET, 1998, p. 76-77). Essa caracterização proposta por Barbalet é baseada em James – que reflete que esse sentimento de suficiência é também uma emoção de segurança. Diante disso, Barbalet sintetiza que “a segurança é um sentimento de conforto no presente” enquanto “a confiança é um sentimento de segurança acerca do futuro.” (BARBALET, 1998, p. 134). Você está confortável no presente? Você está confiante com o futuro?

A seguir, lhe apresentarei a próxima escultura. Nela e com ela refletirei como experimentamos o presente sob a influência de como imaginamos o futuro – quais são as inflexões das nossas antecipações sobre o tempo.



A escultura do presente temporal

O que é o presente? Essa é também outra incógnita que desejamos saber – o agora que precisamos viver. Barbalet inspirado em James nos permite algumas pistas ... Neste momento presente, preciso que você se lembre do passado, da *citação-epígrafe* que me lançou no início deste artigo. Como o passado é acessado pela imaginação, irei interferir e induzir sua lembrança imaginativa com mais informações:

Os horizontes do passado e do futuro são em princípio vastos e alargados. Por outro lado, o presente, que é diferente de ambos, do passado e do futuro, é o momento que divide um do outro. Então, neste sentido lógico, o presente não tem duração. A compreensão deste facto levou William James a afirmar que, embora o presente '*deva* existir [...] que ele existe *realmente* nunca pode ser um facto da nossa experiência imediata' (James, 1890, p. 609, *itálico no original*). Todavia, experimentalmente, existe um presente, que assume uma forma completamente diferente do que um momento sem duração: nas palavras de James 'o presente conhecido de forma prática não é o gume de uma navalha, mas um telhado de duas águas com uma largura muito própria, no qual nos empoleiramos e do qual olhamos em duas direções no tempo.' (p. 609). (BARBALET, 1998, p. 227).

Estar presente vivendo o presente é estar empoeirada/o constantemente olhando para as duas direções no tempo: o passado e o futuro. Não tenho tempo e nem espaço para refletir o passado neste artigo – estou olhando para ele mas agora focarei apenas no futuro – pois "a maioria das teses quanto ao tempo em sociologia apontam para um tempo contínuo, em particular para a sua construção social" – a exemplo de teses de pesquisadores como Norbert Elias e Helga Nowotny – mas, a "apreensão emocional do futuro introduz um conceito de tempo bastante diferente, nomeadamente a temporalidade ou a diferença entre o passado e o futuro enquanto elemento constitutivo das relações sociais." (BARBALET, 1998, p. 132). Por isso, irei dedicar o tempo de escrita que me resta para



A escrita da ciência se faz com emoção – inflexões sobre a importância da
confiança e do medo para (res)existirmos no presente

Camila Ribeiro de Almeida Rezende

refletir as inflexões do futuro no presente – a antecipação. Conto, então, novamente com a ajuda de Barbalet (e seus aliados):

A explicação que James nos dá do presente conhecido de forma prática, que posteriormente, no decurso da sua discussão, denomina 'o presente ilusório', é que constitui uma acumulação de processos cerebrais sensoriais sobrepostos, onde a extensão da sobreposição determina a sensação da duração ocupada. Mas não é a sensação que cria um sentimento de duração, mas sim o facto de ser movido pela sensação ou pela reflexão ou por qualquer outra coisa. Talvez o filósofo Alfred North Whitehead tenha captado melhor esta ideia quando disse que 'aquilo que nós percebemos como presente é a orla nítida da memória matizada de antecipação' (citado em Whitrow, 1961, p. 83). A emoção encontra-se presente em ambas, na memória (Bolles, 1988, pp. 29-41) e na antecipação. Uma das origens da sensação de duração que faz parte do presente ilusório pode então ser o medo: a antecipação de uma ameaça ou de perigo que não está no futuro (como acontece com a ansiedade), mas sim iminente no presente. Na verdade, no medo, a antecipação de um perigo presente alarga as vistas do telhado de duas águas do presente ilusório que, ao ter de ser suportado, tem agora duração. (BARBALET, 1998, p. 227-228).

A duração do nosso presente está condicionada ao que sentimos. São as nossas emoções que influenciam a largura do nosso telhado presente. Por exemplo, se estamos com medo podemos sentir que o tempo está passando muito lentamente, pois o fato de sentirmos insegurança no agora intensifica uma perspectiva negativa acerca da experiência presente – o que nos faz sentir uma duração do tempo mais prolongada. Isso acontece pois:

[...] os nossos sentimentos mais fortes são aqueles que se libertam face a obstáculos ou a resistência, de modo que não experimentamos um prazer particular quando respiramos livremente, por exemplo, mas sim uma angústia intensa quando somos impedidos de respirar. (BARBALET, 1998, p. 74).



A escrita da ciência se faz com emoção – inflexões sobre a importância da confiança e do medo para (res)existirmos no presente
Camila Ribeiro de Almeida Rezende

Desse modo, se estamos confiantes podemos sentir que o tempo está correndo, que o *agora* está passando normalmente ou muito depressa, pois a segurança presente não torna a duração do tempo prolongada, estamos respirando livremente, e “qualquer tendência para a acção que não encontre obstáculos se liberta sem a produção de muito acompanhamento cognitivo.” (BARBALET, 1998, p. 74).

Perceba, então, que a experiência do tempo é distinta para cada indivíduo, dependendo das emoções que ele experimenta. Mas, lembre-se que a experiência emocional é propiciada pela realidade socioestrutural que vivemos. A distribuição das emoções está condicionada à distribuição de todos os outros recursos. Uma pessoa que está empoleirada encima do telhado de duas águas do presente, olhando, ao mesmo tempo, para o seu passado – percebendo que foi privada de todos os recursos básicos que deveriam garantir sua dignidade humana –, e olhando para o seu futuro – um olhar que só pode ser assegurado por um presente inseguro, que a induz sentir a antecipação do porvir como um *mais do mesmo* – não está empoleirada, e não olha para as duas direções no tempo da mesma forma que uma pessoa que *socioestruturalmente* nasceu com recursos. Essas duas pessoas não sentem o tempo da mesma forma. Mas, cada uma delas, formam uma multidão de outras pessoas que *socioestruturalmente* sentem o tempo de forma similar, pois “a base social da confiança foi localizada na aceitação do actor em relações anteriores e nos recursos a que essas relações lhe possibilitaram o acesso.” (BARBALET, 1998, p. 150).

Prossiga comigo ... perceba que: “a confiança transporta um futuro possível para o presente e, ao fazê-lo, proporciona um sentimento de certeza em relação ao que é, por natureza, incognoscível, para que se possa agir seguramente com vista a isso.” (BARBALET, 1998, p. 267). Quais as implicações disso? As de que “é precisamente a perspectiva temporal que faz parte integrante da confiança que a torna a base afectiva da acção e da actuação.” (BARBALET, 1998, 267). Indo mais a fundo nessa reflexão, Barbalet nos aponta que:

[...] a apreensão do futuro é necessariamente emocional. O movimento de transportar um futuro possível para o presente faz-se através de uma acção esperançosa, temerosa, ansiosa ou segura. O passado é apropriado



A escrita da ciência se faz com emoção – inflexões sobre a importância da confiança e do medo para (res)existirmos no presente

Camila Ribeiro de Almeida Rezende

através de uma acção orgulhosa, deprimida, culposa ou envergonhada. (BARBALET, 1998, p. 268).

A experiência do presente é mediada pelo passado e o futuro – estamos sempre olhando, ao mesmo tempo, para essas duas direções no tempo, pois é exatamente essa duplicidade da acção do olhar que nos garante este estado de *empoleiramento* – esse estado de constante tentativa de equilíbrio, de permanência no telhado da existência (o presente). Por mais filosófica e sociológica que possa ser tal reflexão, e por mais que ela necessitasse de uma tese só para ela, irei prosseguir apenas com essa acepção – para poder continuar escrevendo sobre a importância da confiança e do medo para a (res)existência da ciência, para a nossa (res) existência enquanto cientistas no Brasil.

A escultura da confiança e do medo

Como você se sente agora, no presente? Você está confiante ou está com medo? Sua resposta é uma incógnita que participa do “X” da expressão emocional do contexto social que nos move. O nosso contexto social nos induz a refletir a confiança como uma emoção positiva e o medo como uma emoção negativa. Pensar assim, de forma tão simplista, é perigoso demais. Por quê? Porque segundo Barbalet, tendemos a interpretar o medo como uma emoção incapacitante – “que inibe a acção e evita a mudança em vez de a orientar” – e, na realidade, o “medo leva um actor social a compreender onde residem os seus interesses e aponta na direcção do que pode ser feito para os alcançar.” (BARBALET, 1998, p.217). Fazemos tal confusão pois estamos condicionadas/os à “dupla perigo-fuga, ameaça-retirada, que caracteriza as explicações triviais do medo.” (BARBALET, 1998, p.222). Essas explicações tendem a nos dificultar a compreensão dessa emoção, nos fazendo esquecer que “o comportamento de medo inclui tipicamente não apenas a fuga, mas também a luta.” (BARBALET, 1998, p.223).

Para conseguirmos lutar é necessário sentirmos medo. Quem sente medo? “Presume-se frequentemente que o medo é uma emoção exclusivamente daqueles que se encontram em papéis ou funções subalternas ou frágeis.” (BARBALET, 1998, p. 233). E isso é outro equívoco, pois:



A escrita da ciência se faz com emoção – inflexões sobre a importância da confiança e do medo para (res)existirmos no presente
Camila Ribeiro de Almeida Rezende

Um desequilíbrio de poder relativo e não absoluto pode ser responsável pelo medo, quer naqueles que ocupam posições fortes, quer naqueles que ocupam posições subalternas. Não é contraditório dizer que uma elite social ou política pode experimentar medo. Uma viragem no desenvolvimento de relações de poder, por exemplo, em que se verifique um relativo declínio de poder de uma elite ou um relativo aumento de poder de um grupo subalterno ou dependente, provavelmente levará a elite a sentir medo de que a sua posição privilegiada possa estar em perigo. Como em outros casos, também aqui o medo funciona como um sinal indicador que os interesses estão ameaçados pelas perspectivas que surgem das relações de poder em que o sujeito está envolvido. Mas não é provável que o medo que a elite sente leve a uma subjugação, mesmo que o déficit relativo de poder se encontre na própria estrutura da elite. (BARBALET, 1998, p. 233-234).

O medo moveu, move e continuará movendo a elite no Brasil. O meu presente neste artigo para o seu presente é uma escrita de medo, uma escrita que seja capaz de lutar ao invés de fugir. Uma escrita que consiga demonstrar o quanto a ciência brasileira está em perigo, o quanto as nossas escritas científicas estão sendo ameaçadas – pelas coisas abstratas (ideologias) e pelas coisas concretas (falta de investimento). O meu presente para você é o conhecimento – eu desejo fortemente que, *em conjunto*, possamos *brincar seriamente* com nossas escritas, que possamos ter ciência do nosso medo e consciência do seu objeto:

O objecto de medo não é adequadamente conceptualizado como um agente ameaçador que deva ser evitado. Em vez disso, o objecto do medo é uma perspectiva de resultado negativo. Tal encontra-se implícito na ideia de que o medo é a resposta emocional ao perigo, pois o conceito de perigo refere-se não a um acontecimento ou agente mas a uma probabilidade ou perspectiva de ofensa. O objecto do medo é então uma perspectiva, a perspectiva de dano ou ofensa. (BARBALET, 1998, p. 225).



A escrita da ciência se faz com emoção – inflexões sobre a importância da confiança e do medo para (res)existirmos no presente

Camila Ribeiro de Almeida Rezende

No seu presente, o que você tem imaginado da ciência? Como tem imaginado o futuro dela no Brasil? Se você imagina um futuro ameaçador ou um futuro acolhedor, isso influenciará a sua ação no presente. O que farei agora, nesta presente escultura escrita, é misturar o medo à confiança – essas duas emoções juntas são potentes. Buscarei expor para você que não sentimos as emoções separadamente, tampouco as sentimos fixamente, pois “os padrões emocionais que ocorrem na experiência de um indivíduo são transformados e mudam em resultado de mudanças relacionais e circunstanciais, que provocam mais emoções.” (BARBALET, 1998, p. 43). As emoções que sentimos modificam as outras emoções já existentes, “estas dinâmicas estruturais das emoções incluem reações emocionais a experiências emocionais, tais como sentir vergonha ou cólera, sentir culpa por estar com ciúmes e estar feliz por estar apaixonado.” (BARBALET, 1998, p. 43).

O que pode o medo e a confiança juntos? Eles podem *poder* – o *poder* de nos mover a lutar, ao invés de fugir. Como?

A crença que a falta de poder do sujeito resulta das suas próprias incapacidades é concomitante com um sentimento de impotência (Kemper, 1978, p. 56-57) ao qual se encontra associada a fuga como comportamento de medo. Quando o responsável pela insuficiência de poder estrutural do sujeito é o outro, então o comportamento do sujeito em relação ao outro será hostil (p. 57-58) e é provável que se verifique luta em vez de fuga. (BARBALET, 1998, p.223).

Eu não faço uma apologia à hostilidade, o que tento fazer é uma apologia à confiança. Essa emoção é a mais potente de todas, é a emoção mais urgente para o nosso presente, para a nossa ciência, para a nossa (res)existência – pois “a confiança está subjacente a todas as ações, na qualidade de base afectiva das mesmas.” (BARBALET, 1998, p. 134). A confiança é a emoção central da práxis. Perceba o significado de práxis para o dicionário on-line Michaelis (2020): “Práxis: no marxismo, conjunto de ações que possibilitam ao homem transformar o mundo e, ao mesmo tempo, ele próprio, o que o faz o principal elemento da história humana.” Sem confiança não há práxis, sem práxis não há como nenhum homem, nenhuma



A escrita da ciência se faz com emoção – inflexões sobre a importância da
confiança e do medo para (res)existirmos no presente

Camila Ribeiro de Almeida Rezende

mulher, nenhuma pessoa se transformarem. Se ninguém se transforma – se ninguém muda de uma condição a outra – ninguém consegue transformar as instituições, transformar a ordem social, transformar o mundo – tal menos ainda transformar a sua *própria* experiência do tempo presente.

Assim, é a perspectiva temporal, tão importante para a confiança, que a torna um afecto ou emoção central para a praxis. Isto acontece porque todas as acções humanas ocorrem no tempo, baseando-se num passado que não pode ser modificado e enfrentando um futuro que não pode ser conhecido (Robinson, 1964, p. 73-74). É precisamente a perspectiva temporal inerente à confiança que a torna a base afectiva para a acção e para a actividade. (BARBALET, 1998, p. 132).

Para concluir e prosseguir com minha próxima escultura, proponho uma reflexão sobre essa inflexão, preste atenção, invista o seu tempo nesta citação:

Luhman reconhece a natureza emocional da confiança (p. 22-81) mas é precisamente na qualidade de emoção que ultrapassa a incerteza do futuro que a confiança é racional (ver também Gambetta 1990). Numa reviravolta extraordinariamente jamesiana Luhman afirma que 'demonstrar confiança é antecipar o futuro. É comportar-se como se o futuro fosse certo [...] este problema do tempo é colmatado pela confiança, um pagamento antes do tempo como adiantamento pelo sucesso futuro' (1979, p. 10-25). Mais uma vez, uma emoção específica contribui para uma racionalidade específica na ausência de um contributo possível através da lógica ou do cálculo. O papel da emoção na racionalidade prática é assim permitir a acção, que seria inibida caso tivesse de depender apenas da lógica ou do cálculo. (BARBALET, 1998, p. 78).

São muitas metáforas e informações, eu sei. Mas a síntese de tudo isso é que a confiança é racional, "a confiança não é um sentimento meramente subjectivo, mas sim uma emoção com uma clara base social." (BARBALET, 1998, p. 141). Não se faz ciência sem confiança e não se luta



A escrita da ciência se faz com emoção – inflexões sobre a importância da confiança e do medo para (res)existirmos no presente

Camila Ribeiro de Almeida Rezende

pela ciência sem medo. Abruptamente, lhe convido a finalizar sua leitura com minha próxima escultura, meu tempo está acabando neste artigo – é preciso formar um acabamento.

A escultura do ‘daqui a pouco o futuro incognoscível será nosso presente’

Na realidade, quando a ciência social estuda o tempo, na maioria das vezes fá-lo historicamente. A constituição do tempo passado, incluindo processos fenomenológicos através da memória (Game, 1991, pp. 90-111), preenche a maior parte dos escritos sociológicos do presente sobre o tempo. Mas o que oprime todos os sistemas sociais e o que toda a ação social tem de considerar é a inevitabilidade de um futuro incognoscível. (BARBALET, 1998, p. 138).

Agora, neste novo presente atual de escrita, eu preciso conseguir concluir este artigo. Para isso, é necessário antecipar o futuro incognoscível – imaginar que este texto será publicado. Preciso confiar que minha escrita faz sentido – um sentido *próprio* para mim e também um sentido *próprio* para você – para o coletivo. Preciso confiar que ela será bem recebida, compreendida e ruminada. Mas, ao mesmo tempo, eu também preciso sentir medo. Preciso imaginar coisas concretas e abstratas ameaçando a minha escrita. Sei que parece contraditório dizer isso, mas eu preciso imaginar você tanto como uma pessoa bovina sensível e delicada, quanto como um touro ameaçador. É um movimento complexo e ambíguo de antecipação do futuro no presente: preciso antecipar as ofensas e os danos sobre a minha escrita para fazê-la vencer a maioria deles. Preciso lhe imaginar criticando, contestando e ameaçando os sentidos aqui propostos – fiz isso no passado antes de escrever este artigo (o meu antigo futuro), e continuo fazendo durante todo o presente corrente desta escrita. Por quê? Pois a ciência é uma escrita que se produz com medo, é uma escrita que luta pela defesa dos interesses individuais e coletivos, é uma escrita que precisa ser confrontada pelos pares – por suas avaliações, interpretações, controvérsias, análises, averiguações, contestações. A escrita da ciência se



A escrita da ciência se faz com emoção – inflexões sobre a importância da
confiança e do medo para (res)existirmos no presente
Camila Ribeiro de Almeida Rezende

produz *em conjunto*, em um conjunto de guerra, de várias lutas, batalhas e de *um raio de sol* – uma “luta de todos contra todos em que cada um depende de todos os outros, ao mesmo tempo concorrentes e clientes, adversários e juízes, para a determinação de sua verdade de seu valor, isto é, de sua vida e de sua morte simbólicas.” (BOURDIEU, 2017, p. 42).

A nossa condição de cientista ciente é uma condição de medo – a condição mais propícia para guerrilhar – pois escrever academicamente é lutar, e “a luta científica é uma luta armada entre adversários que possuem armas tão potentes e eficazes quanto o capital científico coletivamente acumulado no e pelo campo [...]” (BOURDIEU, 2004, p.32). E por que vale a pena mover nossa escrita para a luta científica? Pois os/as cientistas são “os menos inclinados a reconhecê-la sem discussão ou exame. De fato, somente os cientistas engajados no mesmo jogo detêm os meios de se apropriar simbolicamente da obra científica e de avaliar seus méritos.” (BOURDIEU, 1983, 127).

A nossa luta científica precisa ser travada tanto no campo acadêmico, quanto fora dele – contra o contexto social anticientífico que nos ameaça. Precisamos lutar para que nossas escritas sejam reconhecidas, valorizadas e estimadas. Lutar por “recursos, como dinheiro, poder, prestígio, influência e amor.” (TURNER, 2010, p. 175)⁷. Lutar para que nossas escritas sejam lidas. Agora, por exemplo, estou lutando retoricamente para que a próxima longa citação direta seja tratada por você com o devido respeito e atenção – e você lutará para elevar a leitura dela à dignidade de arte da ruminação:

Os textos científicos parecem aborrecidos e sem vida, de um ponto de vista superficial. Se o leitor recompuser os desafios que estes textos enfrentam, eles passarão a ser tão emocionantes quanto um romance. ‘O que acontecerá agora ao herói? Será que ele vai aguentar mais essa provação. Não, isso é demais até para o melhor. Como?! Ele venceu? Incrível!! E o leitor ficou convencido? Ainda não. Ah hah, aí vem um novo teste; impossível atender a essas exigências, é muito duro. Injusto, isso é injusto.’ Imaginem-se os aplausos e as vaias. [...] Quanto mais nos inteiramos das sutilezas da literatura científica, mais extraordinária elas nos parece. Passa a ser uma verdadeira ópera. Multidões

A escrita da ciência se faz com emoção – inflexões sobre a importância da
confiança e do medo para (res)existirmos no presente
Camila Ribeiro de Almeida Rezende

são mobilizadas pelas referências; dos bastidores são trazidas centenas de acessórios. À cena são chamados leitores imaginários aos quais se pede não só que acreditem no autor, mas também que solem os tipos de torturas, provas e testes por que os heróis precisam passar antes de serem reconhecidos como tais. A seguir, o texto desenvolve a dramática história desses testes. Na verdade, os heróis triunfam de todos os poderes das trevas, como o príncipe da Flauta mágica. O autor vai acrescentando mais e mais testes impossíveis, parece que só pelo prazer de ficar vendo o herói superá-los. Desafia plateia e heróis, mandando um novo vilão, uma tempestade, um demônio, uma maldição, um dragão; e os heróis vencem. No fim, os leitores, envergonhados das primeiras dúvidas, têm de aceitar tudo o que o autor disse. (LATOURE, 2000, p. 90-91).

Você não tem que aceitar tudo o que eu disse nesta escrita, e nem sentir vergonha de suas dúvidas. O meu desejo, com toda a sua força em conjunto, foi – é e será – escrever para atizar a sua confiança e o seu medo – para que essas emoções lhe movam a lutar. Se prepare, pois virá um novo vilão, uma nova tempestade, um novo demônio, uma nova maldição, um novo dragão. Mas, “o que oprime todos os sistemas sociais e o que toda a acção social tem de considerar é a inevitabilidade de um futuro incognoscível.” (BARBALET, 1998, p. 137-138).

A inevitabilidade e o incognoscível são coisas assustadoras para qualquer ser humano. São demasiadamente ameaçadoras para as pessoas que, como nós, se esforçam para acessarem o conhecimento, se esforçam com seus controles, procedimentos, métodos e forma formais conformadas. Da ordem ao caos. Da forma à deformação. Da confiança ao medo. Do passado ao presente ao futuro. Seja práxis. Lute com o que você tem – lute com sua escrita científica. Escreva o seu tempo, pois “o tempo não existe senão esculpido em um corpo” (ROLNIK, 1993, p. 246), em um corpo de (res)existência escrita.

Despeço-me agora. Espero que esta escultura de 45000 caracteres (com espaço) possa ter feito algum sentido para o seu presente. ‘Daqui a pouco o futuro incognoscível será nosso presente’ e nos encontraremos lá. Até logo!



Referências

- BARBALET, Jack. *Emoção, teoria social e estrutura social*. Uma abordagem macrossocial. Lisboa: Instituto Piaget, 1998.
- BOURDIEU, Pierre. Gostos de classe e estilos de vida. In: ORTIZ, Renato (Org.). *Pierre Bourdieu*: sociologia. São Paulo: Ática, 1983. 82-121.
- _____. O campo científico. In: ORTIZ, Renato (Org.). *Pierre Bourdieu*: sociologia. São Paulo: Ática, 1983. 122-155.
- _____. *O Poder Simbólico*. Tradução Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- _____. *Razões práticas*: sobre a teoria da ação. Campinas: Papyrus, 1996.
- _____. *Os usos sociais da ciência*: por uma sociologia clínica do campo científico. São Paulo: Edunesp, 2004.
- _____. *A distinção*: crítica social do julgamento. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2007.
- _____. *Homo academicus*. 2 ed. 1 reip. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2017.
- COMPAGNON, Antoine. *O trabalho da citação*. Tradução de Cleonice P. B. Mourão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996.
- DELEUZE, Gilles. *O abecedário de Gilles Deleuze*. Entrevista com G. Deleuze. Editoração: Brasil, Ministério da Educação, TV Escola, 2001. Paris: Éditions Montparnasse, 1997, VHS, 459min.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O anti-Édipo*: Capitalismo e Esquizofrenia. Rio de Janeiro: Imago, 2004.
- JAMES, William. *The Principles of Psychology*, vol. I. Nova Iorque: Henry Holt, 1980.
- LATOUR, Bruno. *Ciência em ação*: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora. São Paulo: Editora UNESP, 2000.
- NIETZSCHE, Friedrich. *A genealogia da moral*. Lisboa: Guimarães e Cia. Editores, 1976.



A escrita da ciência se faz com emoção – inflexões sobre a importância da
confiança e do medo para (res)existirmos no presente
Camila Ribeiro de Almeida Rezende

NIETZSCHE, Friedrich. *Aurora*: Reflexões sobre os preconceitos morais.
Tradução: Antonio Carlos Braga. Editora Escala: São Paulo, 2007.

PRÁXIS. In: *DICIONÁRIO Michaelis*. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/pr%C3%A1xis/>.
Acessado em: 24 set. 2020.

ROLNIK, Suely. Pensamento corpo e devir – uma perspectiva ético/ estético/
política no trabalho acadêmico. *Cadernos de subjetividade*, São Paulo, v.1,
n.2, 1993, p. 241-251.

TURNER, Jonathan H. The Stratification of Emotions: Some Preliminary
Generalizations. *Sociological Inquiry*, California, v. 80, n. 2, 2010, p. 168-199.